



Jornalismo em Quadrinhos: território de linguagens¹

Iuri Barbosa Gomes²

Resumo

É inegável que avanço das novas tecnologias transformou a maneira de se fazer/receber produtos comunicacionais e culturais. Em meio a liquefação de estruturas antes tidas como sólidas, propostas surgem como alternativas na miríade de imagens e informações às quais todos estão diariamente submetidos. Estamos todos ligados a cabo a tudo que acaba de acontecer, e isso sugere pressa, velocidade. Diante disso, propostas como a do jornalismo em quadrinhos sugerem uma pausa, um *ritmo* entre duas linguagens cuja construção passa pela fruição estética de um produto comunicacional.

Palavras-Chave: Comunicação; jornalismo; quadrinhos; Joe Sacco; território; linguagens.

Introdução

Hoje a comunicação se molda com a ajuda das novas mídias, agrega valores estéticos e funcionais oriundos de avanços tecnológicos que tangenciam os veículos de comunicação e seus instrumentos de trabalho: câmeras digitais e *photoshops*, YouTube e afins, TV digital e satélites. A revolução multimídia que marca o que alguns estudiosos chamam de *pós-modernidade* altera os processos comunicacionais e sociais (SILVA, 2003: 95). Vive-se hoje a globalização da comunicação – que o diga Gianni Vattimo, que defende a idéia de que vivemos numa sociedade pós-moderna, e um dos sinais disso é o fato de estarmos "mergulhados" na era da comunicação. Uma comunicação que, dentro de uma linha cronológica, localiza-se na idade do instantâneo e do imediatismo (VENTURELLI, 2004: 13), num período cujo signo-mor é o excesso de informações e de imagens. E tudo isso é acompanhado de perto pelos novos paradigmas culturais.

Em meio à frenética profusão de imagens à qual as pessoas são diariamente bombardeadas – totens que remetem ao comercial de refrigerante: *imagem é (quase) tudo* –, o jornalismo em quadrinhos, experimentação capitaneada pelo jornalista maltês Joe Sacco, surge como uma proposta no que diz respeito à apresentação de uma notícia

¹ Artigo apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, na Universidade Positivo, em Curitiba (PR), no período de 4 a 7 de setembro, realizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

² Jornalista graduado pela UFMT. Aluno do Programa do Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT), na Linha de pesquisa em Comunicação e Mediações Culturais, sob orientação do prof. dr. Yuji Gushiken. Membro do Núcleo de Estudos do Contemporâneo (NEC-UFMT). Cuiabá, MT. Email: i.b.gomes@gmail.com



– leia-se: uma grande reportagem. Esse novo formato surge não pensado teoricamente, mas já na prática, nos traços e na apuração. O resultado é algo monstruoso, exótico e que, justamente por ter esta qualidade, é chama a atenção: uma combinação peculiar de semelhanças e diferenças entre as linguagens utilizadas na construção da obra (BURKE, 2003: 30). Um pouco dessa inquietação reside, também, no fato de estarmos em um período que não pode ser resumido tão-somente aos já estabelecidos *ismos* acadêmicos (MAFFESOLI, 2007).

De lá para cá outros jornalistas-artistas lançaram obras com esse caráter investigativo-estético, documentário-poético, e, por mais que as obras pareçam tão díspares, bebe-se da mesma fonte: a imbricação de linguagens para a construção de um produto jornalístico *lento*, com *ritmo* próprio. O jornalismo em quadrinhos traz um quê de novidade, e percebe-se nele uma espécie de adaptação. Não uma mera adaptação, é bom frisar, mas sim um hibridismo comunicacional que converge diferentes linguagens a favor da informação.

JORNALISMO EM QUADRINHOS: BREVE HISTÓRICO

O jornalismo em quadrinhos (JHQ) ganha visibilidade internacional com a publicação de *Palestina, Uma Nação Ocupada*, do jornalista maltês Joe Sacco, publicada em português no Brasil em 2004 – mas originalmente lançada em 1997. Vale notar que os quadrinhos estão ligados à prática jornalística há tempos – vides as charges, os cartuns e as tiras³. Joe Sacco, porém, sistematizou uma forma nova de se noticiar um fato usando como suporte o formato das HQs. A veia jornalística propriamente dita vem com as obras de Sacco, que aliada aos quadrinhos fez nascer o que aqui trataremos como um território de linguagens – que se mostra monstruoso.

Esse amálgama de linguagens, tida como incomum por agregar os preceitos do jornalismo – uma prática calcada na platônica objetividade⁴ – com as características das histórias em quadrinhos – prática imagética comumente associada à ficção (super-heróis) e a produtos feitos para um público massivo –, ganha relevância como objeto de estudo com a iniciativa dos Estudos Culturais de propor um novo paradigma no que diz respeito à pesquisa acadêmica:

³ A personagem Yellow Kid, publicado no jornal New York World, em 1895, é considerada uma das primeiras inserções da HQ no jornalismo.

⁴ Cf. nota nº 14.



“Os estudos culturais nascem de uma recusa do legitimismo, das hierarquias acadêmicas dos objetos nobres e ignóbeis. Eles se fixam sobre a aparente banalidade da publicidade, dos programas de entretenimento, das modas vestimentares” (MATTELART, 2004: 72)

O JHQ surge da interseção entre a comunicação com a arte, uma re-significação do próprio *fazer jornalismo*, que, aliado às novas próteses que surgem em meio ao avanço tecnológico – pelas quais necessariamente passam as manifestações culturais da humanidade (MARTINO, 2005: 48). Não se trata tão-somente de um artefato mercantil *kitsch*, como a princípio é fácil supor. Como bem define Furtado:

“A experiência estética no interior da cultura de massa exige o pensar as relações entre as artes e as novas linguagens advindas das novas tecnologias, considerando os sujeitos e objetos presentes no processo de comunicação artística” (FURTADO, 1986: p. 131).

Não que o JHQ se utilize essencialmente das novas tecnologias. Ele vai quase que na contramão: na era do link e do mundo ao alcance de um clique, ele é uma proposta lenta, que exige mais tempo tanto para ser confeccionada como para ser fruída. Se na literatura, que possibilita diferentes formas de expressão, a união com os quadrinhos dialoga de forma artística e harmoniosa⁵, com o jornalismo não há de ser diferente. O reconhecimento dessa junção pode ser conferido pelo próprio *Palestina, Uma Nação Ocupada*, que venceu o American Book Award, um dos prêmios literários mais importantes dos Estados Unidos, dado a autores contemporâneos proeminentes. O livro também venceu o prêmio HQ Mix, o *Oscar* dos quadrinhos no Brasil. Outra obra de Joe Sacco, *Área de segurança Gorazde, a guerra na Bósnia Oriental* (2000), foi eleita a HQ do ano pela conceituada revista *Time*.

No Brasil a prática de *jornalismo em quadrinhos* e mesmo o consumo de produtos oriundos do exterior ainda são tímidas. Há exemplos de entrevistas⁶ e de reportagens publicadas em periódicos de circulação diária, mas em quantidade ainda meramente ilustrativa. No dia 19 de agosto de 2007, por exemplo, Joe Sacco foi capa da *Folha +* da edição nº28627 do jornal *Folha de São Paulo*. A reportagem *Iraque, uma*

⁵ Cf. *Dom Casmurro* e *O Alienista*, de Machado de Assis, ilustrados por Ruy Tridade e Fábio Moon e Gabriel Ba, respectivamente. *Che: uma biografia*, ilustrada por Kim Yong-Hwe (cf. bibliografia). Ou *Desista!* e *A Metamorfose*, ambos oriundos da obra de Franz Kafka e ilustrados por Peter Kuper.

⁶ Junior, Luiz Costa Pereira. **Obra que mistura fotos a desenhos seqüenciados retoma gênero que começa a virar corrente própria**. Disponível em <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11381>>. Acessado em 14 de agosto de 2008.



história [em quadrinhos], por Joe Sacco⁷ mostra o que o jornalista viu quando conheceu um centro de treinamento militar dos Estados Unidos para os iraquianos. Por mais que seja uma *notícia fria*, o tema é atual e pertinente, e foi publicado num periódico de grande circulação – o que necessariamente não quer dizer que só assim, na chamada *grande mídia*, o JHQ é visto ou mesmo *aceito* como uma vertente jornalística.

Em países como a Itália⁸ e a França⁹, porém, a aceitação e os exemplos práticos dessa amálgama lingüística são mais visíveis. Uma recente série criada pelo jornalista Philippe Cohen sobre o presidente francês Nicolas Sarkozy, por exemplo, virou *best seller* e vendeu cerca de 300 mil exemplares. Cohen chama a obra de *história de investigação em quadrinhos*. Denominações à parte, a boa receptividade por parte do público adulto e culto demonstra – ou pelo menos sugere – um bom princípio de legitimidade à experiência capitaneada por Sacco – que não é o único, claro, a levar adiante esse tipo de abordagem jornalística¹⁰.

Apesar de ser calcada em papel e nanquim e fotografia, o JHQ também passeia pela internet. Um recente exemplo é a graphic novel feita por Dan Goldman, *08: A Graphic Diary of the Campaign Trail*¹¹. Trata-se de uma não-ficção que aborda a corrida presidencial nos Estados Unidos. Com desenhos estilizados que parecem imagens tiradas da televisão, este é um exemplo recente dessa proposta. E a partir deste exemplo pode-se inferir que estas obras, desde o seu início, trazem sempre uma carga crítica sócio-cultural muito forte – seja pelas questões do Oriente Médio seja por assuntos políticos.

CONTEXTO JORNALÍSTICO

A questão de se fazer esse tipo de iniciativa jornalística passa, nos dias de hoje, pela crise que os jornais impressos enfrentam, como a baixa vendagem, o formato

⁷ A versão em inglês da reportagem – originalmente publicada no jornal *The Guardian* está disponível em < <http://image.guardian.co.uk/sys-files/Guardian/documents/2006/01/20/fullsacco1.pdf> >. Acessado em 22 de novembro 2006.

⁸ Cf. a editora italiana BeccoGiallo, que trabalha só com HQs de investigação de grandes casos, como a catástrofe nuclear de Chernobyl . Disponível em < www.beccogiallo.it > Acessado em 18 de julho de 2008.

⁹ PALMEIRA, Cristina. Quadro a quadro. **Revista Imprensa** – Jornalismo e Comunicação. N. 234, maio 2008.

¹⁰ Podemos citar *O Fotógrafo*, feito pelo trio francês Didier Lefèvre, Emmanuel Guibert e Frédéric Lemerclerm. Este livro-reportagem constrói uma narrativa jornalística com fotografias e desenhos estilizados, utilizando a estética de um ensaio fotográfico – aliada, é claro, aos quadrinhos. A obra, dividida em três volumes, conta as experiências vividas pelo fotógrafo Didier Lefèvre ao acompanhar uma equipe dos Médicos Sem Fronteiras no Afeganistão.

¹¹ Cf. < <http://dangoldman.net/08-Excerpt.pdf> > Acessado em 02 de abril de 2009.



ultrapassado e a concorrência da ágil e *interativa*¹² internet. E sobre esse aspecto é necessário abrir um parêntese: há uma crise de identidade e de receita no atual jornalismo (BELO, 2006: 14). E sobre esse aspecto é necessário abrir um parêntese: essa crise existe pelo fato que a mídia jornalística impressa insistir numa competição contra a celeridade da televisão, o alcance do rádio ou os *links* da Web é ignorar a prescrição sugerida pela nova era: velocidade a favor dos furos de reportagem. Talvez a solução – ou a direção a se tomar – seja o diferencial pelo conteúdo mais denso, mais aprofundado dos assuntos em pauta.

Fundamentalmente, porém, a crise que aflige a imprensa não interessa tanto no *fazer* do jornalismo em quadrinhos (JHQ), pois esta é uma prática que surge como uma forma diferente de se apresentar um fato ao leitor. Não se trata de uma salvação para os jornais, mas sim de experimentar linguagens no campo da comunicação, explorar aspectos estéticos para além de meros rebuscamentos estilísticos. Se o progresso das idéias nasce quase sempre da descoberta de relações impensadas, de ligações inauditas ou mesmo de redes nunca antes imaginadas (CALABRESE, 1987: 21), o JHQ dá um passo nessa direção. Não que seja ignorada a máxima da velocidade a favor da notícia, mas neste caso o tempo ganha outro sentido e não vem, a priori, acompanhado pelo imperativo de furo de reportagem.

O jornalismo em quadrinhos não necessariamente se apresenta como o progresso da grande reportagem ou a panacéia do jornalismo impresso – principalmente no Brasil –, mas como uma experimentação prática até então não usada. E não usada de uma maneira prática como uma nova forma de se reportar uma notícia, pois o universo dos quadrinhos beba da fonte do jornalismo – vide Peter Parker/Homem Aranha, Clark Kent/Super Homem –, e deste se utilizar de um dos produtos daqueles, as tiras.

O diferencial do JHQ é a sugestão – ou proposta – de uma pausa na fruição das imagens que, em outras mídias, em especial as eletrônicas, são freneticamente passadas para as pessoas. É uma questão de tempo, de absorção do que se lê e contempla: cria-se uma necessidade de tempo para se deslindar os traços, as fotografias e todas as entrelinhas ilustradas da reportagem em questão. A idéia que se tem é que não há como, na pós-modernidade, parar por completo para uma nítida observação – e se se consegue parar, perde-se outras tantas cores, outros tanto sons. O olhar parece sempre míope, pois

¹² Conforme explica Marco Silva, entende-se interatividade como uma relação na qual se “associa emissão e recepção como pólos antagônicos e complementares na co-criação da comunicação”. Disponível em < http://www.saladeaulainterativa.pro.br/leia_comunicacao.htm >. Acessado em 19 de janeiro de 2009.



não consegue acompanhar a miríade de matizes e formas e movimentos que compõem o cenário atual. Somos leitores moventes, e o JHQ parece exigir, no formato ao qual se apresenta, um retorno ao leitor contemplativo¹³. Não se trata de uma visão romântica da leitura, mas sim uma experiência estética de um produto jornalístico que sugere uma forma de ler específica – mais tempo para a *obnubilação* –, uma junção de linguagens que cria uma linguagem e um formato próprios – mas não estanques.

“Um novo comunicante deverá trazer novos conceitos de forma, de relacionamento, de leitura, específicos e que informam a partir de sua própria linguagem, independente de qualquer representação verbal” (SÁ, 1975: 31).

JORNALISMO EM QUADRINHOS: CONVERGÊNCIAS

Diante de um tempo em que as conhecidas estruturas da modernidade se liquefizeram, o JHQ se mostra paradoxalmente como algo amorfo, mas identificável em seus contornos. Enxerga-se aqui o JHQ como uma monstruosidade comunicacional, e tal característica é dada pelo fato de a proposta iniciada “oficialmente”¹⁴ por Joe Sacco se apresentar como uma transgressão das classificações dos gêneros midiáticos, um misto de formas (FOUCAULT, 2001: 79) – que se evidenciam através das linguagens: é jornalismo mas também é quadrinhos, e um não anula o outro.

“O que torna o material cada vez mais rico é aquilo que faz com que heterogêneos mantenham-se juntos sem deixar de ser heterogêneos; o que assim os mantém, são osciladores, sintetizadores intercalares de duas cabeças pelo menos; analisadores de intervalos...” (DELEUZE, GUATTARI, 2005: 139);

A característica de unir linguagens heterogêneas é o que enriquece a construção comunicacional do JHQ. E ao mesmo tempo é o que causa uma certa confusão mercadológica: a falta de um rótulo mais claro faz inclusive com que livros de JHQ sejam encontrados nas estantes de quadrinhos das livrarias. Talvez por uma implicância em não se considerar algo sério por ser retratado em quadrinhos – malgrado a

¹³ Estas são definições de Lucia Santaella, que explica a distinção de três tipos de leitores – levando em conta o ciberespaço: o movente, o contemplativo e o imersivo. Cf. bibliografia.

¹⁴ As aspas não são gratuitas, pois muitos consideram, de fato, *Palestina, Uma Nação Ocupada*, lançado em 1997, como o marco inicial do que se convencionou a chamar de *jornalismo em quadrinhos*. Mas há quem credite ao italiano radicado no Brasil Ângelo Agostini os primeiros trabalhos de quadrinhos com matizes jornalísticos.



linguagem das HQs ser utilizada de manuais do tipo ISO 9000 a guias turísticos – e nem por isso deixam de ser quadrinhos.

Procura-se aqui debruçar sobre a fusão das duas principais linguagens, jornalismo e quadrinhos, e entender o *território* que nasce a partir dessa junção – a distância entre elas que aproxima uma da outra. Como elucidam Deleuze e Guattari (2005), trata-se de uma distância que “não só assegura e regula a coexistência dos membros de uma mesma espécie, separando-os, mas torna possível a coexistência de um máximo de espécies diferentes num mesmo meio, especializando-os” (DELEUZE, GUATTARI, 2005: 116-117). Há uma reorganização das funções nessa amálgama, sendo que as atividades funcionais não são territorializadas sem adquirir um novo aspecto (DELEUZE, GUATTARI, 2005):

O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os "territorializa". O território é o produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos (DELEUZE, GUATTARI, 2005: 120)

Essa territorialização permite com que nasça um ritmo – o ritmo próprio que marca o JHQ: algo entre o jornalismo e os quadrinhos, um caminhar próprio que não se desvincula totalmente dos dois caminhos iniciais – essencialmente comunicantes. O ritmo opera em blocos heterogêneos, e não num espaço-tempo homogêneo. O notório no JHQ é o seguinte:

É que a ação se faz num meio, enquanto que o ritmo se coloca entre dois meios, ou entre dois entre-meios, como entre duas águas, entre duas horas, entre lobo e cão (DELEUZE, GUATTARI, 2005: 119)

A incomum – ou até então impensada – conexão entre jornalismo e histórias em quadrinhos mescla uma prática calcada na platônica objetividade¹⁵ às características das histórias em quadrinhos (HQ) – em geral associados à ficção. O jornalismo em quadrinhos não se refere tão-somente a um exercício artístico ou de estilo, pois nem todo jornalista sabe desenhar (e houve quem nem por isso deixou de lançar uma

¹⁵ A objetividade, uma das principais premissas do jornalismo, é entendida aqui como algo inalcançável e que passa pelo auditório cultural do repórter. Procura-se não ser objetivo, mas manter certa sobriedade diante de um fato a ser noticiado.

reportagem em HQ¹⁶), mas sim a um reflexo de como caminha a comunicação para uma convergência maior com as artes, uma hibridação de formas de comunicação e cultura (SANTELLA, 2004). O JHQ se mostra como uma proposta diferente de se comunicar com suas bases imersas em questões culturais – o jornalismo, as HQs, a fotografia, a literatura. Tais características também enfraquecem o jornalismo, pois sempre há a dúvida sobre até que ponto é jornalismo e até que ponto é meramente quadrinhos. Essa fisionomia é que confunde, é o que deixa – de certo modo – vulnerável a própria prática, mas que suscita questionamentos, novos olhares sobre o jornalismo – tendo em vista, é bom lembrar, o contexto no qual o JHQ surge.

“...qualquer fenômeno comunicativo (ou qualquer fenômeno cultural) que tenha uma geometria irregular ou uma turbulência no próprio fluxo é *um fenômeno caótico*. Não só os objectos, portanto, mas também o seu processo de produção e de recepção” (CALABRESE, 1987: 140).

A confusão desse *fenômeno caótico* já pôde ser verificada, por exemplo, no trabalho de Art Spiegelman, que lançou nos anos 1980 o livro *Maus*, comumente também é citado como JHQ. De caráter biográfico, a história de Spiegelman se utiliza de metáforas visuais para contar a história de vida do pai do autor, um sobrevivente do holocausto da Segunda Guerra Mundial. É quadrinhos, mas é uma biografia – e que se constrói, vale ressaltar, com um método de apuração jornalística ilustrada na própria obra. O que se percebe são duas linguagens já se misturando: uma espécie de aquarela cujos matizes seriam mais bem “definidos”¹⁷ com a proposta de Joe Sacco.

Spiegelman desenha as agruras de todo o processo de produção, os dilemas e chega a tangenciar a questão da recepção, uma vez que, tamanho o sucesso, até cogitada para virar filme a obra chegou a ser – mas sempre sendo recusado o *convite*. Apesar de ser emoldurada pelos quadrinhos, o conteúdo dos livros-reportagem se mostra esteticamente de forma irregular, caótica¹⁸.

Um dado importante que pode ser observado é o caráter metalingüístico acentuado nas obras: o jornalista se retratando na apuração da reportagem e ao mesmo

¹⁶ Cf. o livro reportagem *O Fotógrafo*, feito pelo trio francês Didier Lefèvre, Emmanuel Guibert e Frédéric Lemercier. O jornalista se utiliza de fotos e de desenhos, mas estes não são feitos por ele – ao contrário de Sacco, que apura, roteiriza e desenha suas reportagens.

¹⁷ Novamente as aspas não são gratuitas, tendo em vista que, malgrado Sacco ter dado o pontapé inicial do JHQ, o formato dele não estanke.

¹⁸ A primeira página de *Palestina, Uma Nação Ocupada* ilustra bem o caos no qual essa proposta se erige: desenhos sobrepostos, quadrinhos em cascata e um sombreamento que, não gratuitamente, ajuda a *definir* o caos que Sacco quer retratar da cidade do Cairo.



tempo citando que uma determinada cena daria uma boa foto (SACCO: 2003: 77). Tudo agregado a um valor estético que se emoldura através das imagens, que podem ser consideradas como uma espécie de bússola na pós-modernidade: sigamos as imagens, assistamos as imagens e cultuemos as imagens, sejam elas de carne e osso ou desenhos de uma indústria, por exemplo, musical¹⁹. Música para ouvir música, e imagem para satisfazer impressões e fruições mercadológicas e sociais. Como bem reforça Venturelli (2004) o que foi dito aqui anteriormente, na imensa e irreversível *imagoteca* universal na qual está inserida a contemporaneidade proliferam-se milhares de imagens. E a comunicação é uma das responsáveis por esse estado hipnótico causado pelas imagens e pelas informações em demasia.

No caso do JHQ, entra em jogo também, claro, a apropriação simbólica de uma obra, explicada por Bordieu²⁰, e o consumo produtivo, descrito por Calabrese como “uma forma de consumo que não permanece passiva, mas que, no próprio acto de consumir um objecto cultural, produz uma interpretação que muda a própria natureza do objecto” (CALABRESE, 1987: 143). Ao consumir um livro-reportagem em quadrinhos, o público-leitor ajuda a moldar, a alterar a concepção de que se tem desse tipo de obra: alguns irão dizer que se trata de apenas mais uma HQ, outros dirão que se trata de um documentário ilustrado ou mesmo que se trata de uma *graphic novel* que busca na realidade²¹ elementos para a construção da narrativa.

Aliás, a dúvida sobre o que é jornalismo e o que é arte²², quando as duas formas de expressão caminham de mãos dadas, não surge com o JHQ. Basta lembrar de *Guernica*, obra de Picasso que se originou de uma fotografia impressa num jornal francês (VENTURELLI, 2004: 25).

¹⁹ Os atores não são imagens às quais muitos se espelham? Isso nos remete à mitologia. E com relação aos *desenhos musicais*, temos a banda Gorillaz, cujos músicos são desenhos animados – malgrado o dinheiro em torno deles ser de verdade. É uma espécie de versão mais atual da proposta do Kraftwerk, que usou robôs para representá-los, por exemplo, em videoclipes.

²⁰ *A economia das trocas simbólicas*, de Pierre Bordieu. Sergio Micelli (org.), 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

²¹ Entende-se aqui que não existe *A vida como ela é*, mas sim *A vida como eu a vejo* – no caso, uma realidade não estanque que necessariamente passa pelo caleidoscópio cultural e idiossincrático do repórter. O olhar de cada um que escreve uma matéria vai além da mera visão – no sentido estrito do termo – de um fato.

²² Considera-se os quadrinhos como nona arte. Quem mais contribuiu para que essa forma de expressão – encarada como algo tipicamente adolescente e ficcional – ganhasse status de arte foi Will Eisner, criador das *graphic novels*, que são histórias ricamente ilustradas e com conteúdo para além de capas e super-poderes. Já o jornalismo ganha status de arte quando supera o senso comum e consegue *tocar* o leitor/espectador.

“A obra de arte – e, do mesmo modo, qualquer outro produto – cria um público sensível à arte e capaz de sentir o prazer com a beleza. Por conseguinte, a produção não cria apenas um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto” (SÁ, 1975: 32).

A forma usada por Sacco para retratar conflitos no Oriente Médio é importante para a compreensão da obra, e mostra a imbricação das linguagens (cinema, documentário, literatura e, claro, jornalismo e quadrinhos). Um exemplo é a *brincadeira* de animação que ele faz ao se utilizar da idéia de frame por frame para sugerir movimento numa cena estática (SACCO, 2004: 38). De certa forma ele quebra a gramaticalidade esperada de uma imagem estática, e nisso dá um salto maior, uma significação ampliada (PINTO, 2002: 38). Isso é possível porque, na construção desse território de linguagens, consegue-se explorar com liberdade o código jornalismo-HQ (DELEUZE, GUATARRI, 2005), e a partir daí surge esse novo ritmo na comunicação hodierna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independente das definições que os leitores venham a fazer após a leitura, o que se observa nas obras de JHQ – em especial as de Sacco – é o fluxo pelo e no qual ele agrega imagens e apuração jornalística, comunicação e elementos da cultura *pop*. Trata-se de um produto – pois, como toda informação hoje em dia, ele é consumido mercadológica²³ (CANCLINI, 1995) e simbolicamente – que foi feito antes de uma teorização, seguindo o ponto de vista da prática (SÁ, 1975). Esse é o domínio dele, a assinatura de Sacco. Foi ele quem fincou a bandeira na terra intersticial entre o jornalismo e os quadrinhos e trilhou um território de linguagens. Mas não tão-somente a linguagem jornalística e a dos quadrinhos, mas todas as outras que são também utilizadas na construção metalingüística de uma obra desse gênero: o cinema, a fotografia, a fotonovela, a literatura, o documentário. Toda essa gama de linguagens revestidas com um aspecto artístico muito forte. De certa forma, ele aponta para uma reorganização das funções do jornalismo e das HQs quando unidas, pois agrega a força imagética destas com a prática informativa daquele.

Num período em que as imagens desbotadas e gastas pelo tempo são devoradas por novas imagens que as reciclam (BAITELLO JUNIOR, 2005). Ou como define

²³ “O consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados” (CANCLINI, 1995: 59)



Vattimo (1989), está-se mergulhado num mundo de mercadorias, de imagens: *mass media* como ser onisciente e onipresente e criando novos mundos – não tão catastróficos, também nem tão fábulas. Vive-se um período que suscita novos olhares ao que é considerado trivial (MAFFESOLI, 2007), e isso nos leva a labirínticos modelos de comunicação. A proposta capitaneada por Sacco e seguida por outros jornalistas reflete o caótico modo de se comunicar na chamada pós-modernidade, tempo em que se acentuam as vicissitudes na cultura e na comunicação contemporânea.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Sergio Micelli (org.), 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Tradução: Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Unisinos. Coleção Aldus 18, 2003.

CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. Lisboa: Edições 70, 1987.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JUNIOR, Norval Baitello. **A era da iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Traduzido por Aluizio Ramos Trinta. Porto alegre: Sulina, 2007.

PINTO, Julio. **O ruído e outras inutilidades – ensaios de comunicação e semiótica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SÁ, Alvaro de. **Vanguarda – produto de comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

SACCO, Joe. **Palestina: uma nação ocupada**. 3ª edição. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Navegar no ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo**. 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa: Garzanti Editore, 1989.